



## Interpretando a linha dividida a partir do pensamento de Marcelo Pimenta Marques

Gislene Vale dos Santos \*

**Resumo:** Neste dossiê em homenagem a Marcelo Pimenta Marques, gostaria de apontar dois aspectos que se complementam na vida e na obra de Marques; a saber, um de ser o meu melhor exemplo de docente-orientador-gente, que não apenas vive, mas sente a vida vivida e a reflete a partir, também, de um escopo de pesquisa; a pesquisa é o segundo aspecto. Se aponto dois aspectos, aqui me fiarei em um, sua interpretação a respeito da obra platônica que aparece na *República*, mais especificamente, no Livro VI, mais especificamente ainda, na *linha dividida*. Nesse itinerário, conto com os artigos e capítulos de livros disponíveis acerca da interpretação de Marques sobre a *República* e da obra platônica, ela mesma.

**Palavras-chave:** Platão; Linha dividida; MPM.

### Interpreting the divided line from the thought of Marcelo Pimenta Marques

**Abstract:** In this dossier in honor of Marcelo Pimenta Marques, I would like to point out two aspects that complement each other in the life and work of Marques; namely, one of being my best example of a professor-supervisor-human being, who not only live, but feel the life lived and reflect on it from a research scope as well; the research is the second aspect. If I point out two aspects, here I will rely on one, his interpretation of the Platonic work that appears in the *Republic*, more specifically, in Book VI, and even more specifically, in the divided line. In this itinerary, I rely on the articles and book chapters available about Marques' interpretation of the *Republic* and the Platonic work itself.

**Key-words:** Plato; divided line; MPM.

---

\* Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora da Universidade Federal da Bahia. E-mail: [gislenevaledossantos@gmail.com](mailto:gislenevaledossantos@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8259883190548282>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2793-5557>

## **Interpretando la línea dividida desde el pensamiento de Marcelo Pimenta Marques**

**Resumen:** En este dossier en honor a Marcelo Pimenta Marques, quisiera señalar dos aspectos que se complementan en la vida y obra de Marques; a saber, uno de ser mi mejor ejemplo de un maestro-tutor-pueblo, que no sólo vive, sino que siente la vida vivida y la reflexiona también desde el ámbito de la investigación; La investigación es el segundo aspecto. Si señalo dos aspectos, aquí me apoyaré en uno, su interpretación de la obra platónica que aparece en la República, más concretamente, en el Libro VI, y más concretamente aún, en la línea dividida. En este itinerario me apoyo en los artículos y capítulos de libros disponibles sobre la interpretación marquesina de la República y de la propia obra platónica.

**Palavra chave:** Platón; línea dividida; MPM.

## **Introdução**

A obra de Platão talvez seja, na História da Filosofia, um dos lugares mais visitados por filósofos/as, comentadores/as, curiosos/as, artistas, eruditos/as de plantão, estudantes apaixonados/as, por quem cultiva o ócio ou por quem, na viagem ao trabalho, no metrô, abre uma página do *Banquete*; quiçá Alfred North Whitehead estivesse certo ao dizer que a filosofia do ocidente não passa de uma série de notas de rodapé a Platão. Não quero aqui discutir a proposição de Whitehead, senão apontar à *gigantomachia* que dá corpo à interpretação do que teria sido o pensamento de Platão.

No Brasil, especificamente, espalhou-se uma interpretação deste autor que nos faz voltar ao período colonial. É importante re-voltar a tal época da nossa história não apenas porque ela permite entendermos parte do que é a nossa condição hodierna, mas porque interessa entender em que medida adquirimos certo modo de ler o pensamento de Platão. A Filosofia que chega à colônia vem com a marca da instituição católica. Toda

possibilidade de conhecimento está, neste primeiro período colonial, nas mãos da instituição religiosa. Como um dos reflexos desta situação, até bem pouco tempo atrás, os departamentos de Filosofia tinham padres compondo o seu corpo docente. Independente de isto ser bom ou não, é importante notar que certa interpretação do que seja a filosofia foi ‘cristalizada’ em solo nacional. Portanto, faz-se necessário continuar a fabricação das notas de rodapé. Desta vez, talvez numa atitude descolonizadora. Parece ser esse o mote desde o qual Marcelo Pimenta Marques abraça o pensamento de Platão para refleti-lo, mesmo não utilizando tal palavra para definir sua obra, ela não deixa de ser descolonizadora, como se pode notar em artigo intitulado *Contra a teoria dos dois mundos na Filosofia de Platão. República V 476E-478E*:

Neste artigo, discuto a utilização que se faz do final do livro V (476E-478E; 497E) para justificar a interpretação da posição das formas inteligíveis, nos diálogos de Platão, como estabelecendo dois âmbitos separados e independentes. Esta leitura recebe o nome de "two worlds theory" ou "teoria dos dois mundos". Na minha pesquisa, ao me interessar pelas formulações que o problema do "aparecer" recebe nos diálogos de Platão, sou levado a recusar veementemente esse tipo de leitura. É preciso pôr em questão os dois pólos da relação entre ser e aparecer: guiar-se pelo aparecer não significa apenas aderir ao dado sensível, mas, também e principalmente, aceitar algo que é tido como verdadeiro; buscar o ser não é meramente postular uma identidade, mas fazer aparecer diferenças. (MARQUES, M.P. 2011, p.245)

Chamo de descolonizar a interpretação, esse gesto do pensar que atua atribuindo valor epistêmico, ontológico, ético e estético às dimensões do pensamento de Platão que foram, e ainda são, interpretadas a partir de um desvalor; este é o caso das aparências, do plano imagético constitutivo também do todo. Os temas da *imagem* e do *aparecer* são caros a Marques; em suas análises, o autor situa sua interpretação no deslocamento ou ainda na contramão de uma interpretação *standard*.<sup>1</sup> A partir destas margens, e da produção intelectual de Marques, este artigo pretende apresentar uma leitura possível da Linha dividida, no Livro VI da *República* de Platão.

## 1. A imagem da linha:

- Supõe então uma linha cortada em duas partes desiguais (γραμμὴν δίχα τετμημένην λαβὼν ἄνισα<sup>2</sup> τμήματα); corta novamente cada um dos segmentos segundo a mesma proporção (ἀνὰ τὸν αὐτὸν λόγον), o da espécie visível (τό τοῦ ὁρωμένου γένους) e o da inteligível (τὸ τοῦ νοουμένου); e obterás na visível (τῷ ὁρωμένῳ), segundo a sua claridade (σαφηνεία) ou obscuridade relativa (ἀσαφεία πρὸς ἄλληλα), uma secção, a das imagens (εἰκόνες). Chamo imagens em primeiro lugar, às sombras (λέγω δὲ τὰς εἰκόνας πρῶτον μὲν τὰς σκιάς); seguidamente, aos reflexos nas águas, e àqueles que se formam em todos os corpos compactos, lisos e brilhantes, e a tudo o mais que for do mesmo gênero (ἔπειτα τὰ ἐν τοῖς ὕδασι φαντάσματα καὶ ἐν τοῖς ὅσα πυκνά τε καὶ λεῖα καὶ φανὰ συνέστηκεν), se estás a entender-me.
- Entendo, sim.
- Supõe agora a outra secção, da qual esta era a imagem (ὅ τοῦτο εἰκεν), a que nos abrange a nós,

---

<sup>1</sup> Sobre o que seja a interpretação vigente ver Hosle, V. *Interpretar Platão*. Edições Loyola: São Paulo, 2008.

<sup>2</sup> Apesar de Adam, *The Republic of Plato*, 63 (nota 509 D27), reconhecer uma disputa, na interpretação do material dos escoliastas, com a palavra ἴσα, ele opta por ἄνισα.

seres vivos e a todas as plantas e toda a espécie de artefatos (τά τε περὶ ἡμᾶς ζῶνς καὶ πᾶν τὸ φυτευτὸν καὶ τὸ σκευαστὸν ὅλον γένος).<sup>3</sup>

Ao admitirmos a imagem sugerida por Sócrates, admitimos também as distinções entre as secções que a constituem e a apreensão realizada pela alma no contato com cada uma dessas secções. Sócrates propõe *uma* linha composta de diferenças que se mostram a partir do seu distinto grau de cognoscibilidade.

Na primeira secção estão os visíveis, divididos entre, em um primeiro estrato, os que aparecem de modo obscurecido para a alma, dos quais não se pode ter uma certeza no ato da percepção. Quando a alma apreende as imagens desse primeiro estrato da secção, ela se turva, sem conseguir ter sobre elas uma opinião firme, mesmo que somente durante o período que dura a apreensão. A outra parte dessa secção é constituída pelo que aparece de modo nítido para a alma, aquilo de que é possível ter uma certeza imediata, e que gera uma opinião capaz de dizer o que a coisa de fato é enquanto ela aparece ao percipiente. Esse segundo estrato é fundamento do primeiro na medida em que ele é o seu modelo. A secção das imagens (εἰκονῶν) é uma espécie de efeito de espelhamento. Ela é uma cópia da secção que a segue na exposição realizada por Sócrates. Esses dois estratos são integrantes de um mesmo modo de ser, o modo de ser visível, ou, ainda, são duas apreensões diferentes de um mesmo gênero. Essa apreensão é composta pela complexidade do que é percebido e pela complexidade mesma do processo de percepção.

O segundo estrato, o dos artefatos, descrito na secção dos visíveis, por sua vez, também é uma cópia. Isto é assim porque, se ele é o fundamento para o primeiro estrato — o dos reflexos —, ele não é fundamento para si mesmo. A certeza que a alma tem, no momento da percepção, não é suficiente para justificar o fenômeno perceptivo. Por justificar, entende-se a capacidade de oferecer as causas e os princípios que estão em jogo sempre que um ser sensível aparece. Sobre esses dois primeiros estratos da linha,

---

<sup>3</sup> Platão. *A república*, 509d6-510a6.

denominados de gênero do visível (ὁρωμένον γένους), Ferguson, em sua análise, chega à seguinte conclusão:

Os dois estados são puramente ilustrativos, como os objetos com os quais eles são correlacionados. Eles não são estágios de apreensão, antes da διάνοια e do νοῦς. Exceto como símbolos, eles não têm significância metafísica. O primeiro é ‘especulação’, um estado propedêutico; o outro é sua confirmação ou realização. Nós podemos os contrastar com a caverna, onde os cativos não suspeitam que suas sombras tenham originais, nem reconhecem os originais quando os veem.<sup>4</sup>

Quanto à conclusão de Ferguson, ela não nos parece razoável, uma vez que se concordamos que os primeiros estágios são ilustrativos, precisamos dizer o que se entende por ilustração. Neste caso, compreendemos que Platão é o ilustrador, ele desenha uma linha e divide em partes que apontam a partes distintas do todo. A ilustração contudo, desde o plano teórico aponta para o dimensão sensível do todo. Aponta a um modo de ser que Platão denomina de *visível*. Os visíveis, por sua vez, apenas chegam a *dianoia* e ao *nous* por meio da dimensão tangível do todo. Quero dizer com isso que a alma, na ação que leva ao que se chamou de conhecimento (*episteme*), ‘toca’ os sensíveis por eles serem passagem obrigatória, uma vez que a ambiguidade própria desta dimensão leva ao espanto necessário do fazer filosófico. O exame desse modo de ser é realizado pelo pensamento, não pelo corpo que se constitui também pelo movimento característico de tudo o que é sensível. Dizer, porém, que esse estado de coisas não tem relevância metafísica, parece-nos um pouco exagerado, pois essa afirmação retiraria dos sensíveis a possibilidade de serem conhecidos de alguma forma, mesmo que a partir de uma opinião tão fugidia quanto a sua estabilidade. Retiraria deles, também, a própria

---

<sup>4</sup> Adam Ferguson, “Plato Simile of Light. Part 1. The Simile of the Sun and Line”. *The Classical Quarterly*, v. 15 n. 3/4 (Jul-Out de 1921): 146. <https://www.jstor.org/stable/635861>. Tradução minha das passagens utilizadas.

capacidade de suscitar na alma o espanto necessário à realização da pesquisa filosófica.<sup>5</sup>

Esse espanto se vincula diretamente com a possibilidade de a alma conceber hipóteses. A aparente contradição na qual os sensíveis vêm a ser põe a alma em estado de aporia, uma aporia necessária à construção de hipóteses que justifiquem a existência desse domínio, pois a percepção não tem, em ato, os meios necessários para qualquer investigação. Por causa da incapacidade cognitiva de a percepção investigar, a alma, começando pelos visíveis, é obrigada a formular hipóteses. As hipóteses são os degraus necessários para o início da investigação. Servindo-se de hipóteses, a alma caminha até aos sensíveis para, a partir deles, voltar-se em direção à sua condição primeira, a causa de seu ser.

Na pesquisa acerca do que seja ela mesma, a alma diferencia duas ações que a têm como polo de acontecimento: o perceber e o conhecer. Para diferenciar essas duas ações é preciso saber o que é cada uma delas. É necessário, nessa caminhada, identificar critérios desde onde a diferenciação possa se realizar; isso é prerrogativa porque o movimento, no qual estão envoltos os sensíveis, quando pensado isoladamente, sem uma causa que o justifique, não é suficiente para dizer o que uma coisa é. Por isso, não é possível ter, sobre os sensíveis, um discurso certamente verdadeiro, uma vez que o objeto desse discurso não permanece o mesmo. Parece ser impossível dizer algo sobre a natureza desse movimento sem que haja um princípio unificador que lhe confira algum tipo de determinação. E esse princípio, presente no sensível, não seria apreendido, para fins de conhecimento, por meio dos sentidos, mas pelo pensamento, que, ao investigar a si mesmo, investiga, em conjunto, as causas que permitem os sensíveis. Por isso, diferentemente de Ferguson, não penso que os sensíveis não têm significância metafísica; o que não quer dizer que neles se encerre a pesquisa filosófica.

---

<sup>5</sup> Cf. Platão. *Teeteto*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. (Belém: EDUFPA, 2001), 155d2-3: “[...] a admiração (τὸ θαυμάζειν) não é a verdadeira característica (τοῦτο τὸ πάθος) do filósofo. Não tem outra origem a filosofia (οὐ γὰρ ἄλλη ἀρχὴ φιλοσοφίας)”.

Em 510b4, inicia-se a formulação do discurso sobre o que vem à luz quando da ocorrência do sensível. Sócrates parece mudar a direção da investigação. Se, em um primeiro momento da ação de conhecer o bem, a alma, percebendo, julga, em um segundo momento ela não se serve das sensações para dizer acerca do ser do bem, antes, ascende, como diz Sócrates, em direção à secção que lhe possibilita falar do que é estável e fornece, por isso e com isso<sup>6</sup>, uma espécie de ‘estabilidade’ ao vir a ser. Essa possibilidade não pode ser atribuída ao que, nos sensíveis, é mutante; não o pode, porque o conteúdo apreendido pela percepção não fornece subsídios suficientes para afirmar o que ele é, pois este conteúdo sofre uma mudança contínua. Mesmo, no entanto, estando nesta mudança, ele pode ser percebido, e é possível dizer dele o que ele está sendo. Isto, graças ao inteligível, que também constitui o sensível.

Sobre o inteligível, Sócrates acrescenta:

- Examina (Σκόπει) agora de que maneira se deve cortar a secção do inteligível (τοῦ νοητοῦ).
- Como?
- Na parte anterior, a alma, servindo-se, como se fossem imagens, dos objectos que então eram imitados, é forçada a investigar a partir de hipótese, sem poder caminhar para o princípio, mas para a conclusão; ao passo que, na outra parte, a que conduz ao princípio absoluto, parte da hipótese, e, dispensando as imagens que havia no outro, faz caminho só com o auxílio das ideias (Ἦνι τὸ μὲν αὐτοῦ τοῖς τότε μιμηθεῖσιν ὡς εἰκόσιν χρωμένη ψυχὴ ζητεῖν ἀναγκάζεται ἐξ ὑποθέσεων, οὐκ ἐπ’ ἀρχὴν πορευομένη ἀλλ’ ἐπὶ τελευτῇν, τὸ δ’ αὖ ἕτερον – τὸ ἐπ’ ἀρχὴν ἀνυπόθετον – ἐξ ὑποθέσεων

---

<sup>6</sup> Com isso se quer dizer, com o λόγος. Bem ao modo como Platão inicia a descrição, no livro II, 369c9, da *Kallipolis*, visto ser necessário, desde o princípio, realizar essa função com o *logos* (τῷ λόγῳ). Com o discurso, desde o princípio, façamos uma cidade (τῷ λόγῳ ἐξ ἀρχῆς ποιῶμεν πόλιν).



ιοῦσα καὶ ἄνευ τῶν περὶ ἐκεῖνο εἰκόνων, αὐτοῖς  
εἶδεσι δι' αὐτῶν τὴν μέθοδον ποιουμένη).<sup>7</sup>

Trata-se de um estrato no qual está a própria alma, visto que ela é quem formula as hipóteses, e outro no qual estão as, assim denominadas, ιδέαι (ideias). A investigação na qual a alma se lança tem um método e sua formulação é condição de compreensão do quarto segmento da linha. Sócrates descreve, no primeiro estrato inteligível e terceira parte da linha, a ação da alma; em um primeiro momento ela investiga os visíveis, para isso utiliza de hipóteses. A necessidade de uma hipótese que direcione a alma deriva do fato de sobre os visíveis não se ter um discurso que seja apenas verdadeiro. Não é possível extrair do conteúdo visível uma verdade acerca do que seja ele mesmo. Para chegar a um discurso verdadeiro acerca desse domínio é preciso que a alma o investigue e, a partir da investigação, se eleve à pesquisa do fundamento do sensível, não mais por meio dele, mas por meio de hipóteses que a direcionem ao anipotético; ou ainda, é a causa do sensível que produz na alma um discurso verdadeiro, e não o aparecimento sensível. Nessa linha interpretativa, Gail Fine acrescenta a este texto que:

Platão apresenta duas chaves diferentes entre L3 e L4: (a) primeiro, os usos dos sensíveis como imagens de formas, embora se pense em formas, não nos sensíveis; em L4 se pensa em formas diretamente, não através de suas imagens; (b) em L3 se procede desde uma hipótese até as múltiplas conclusões; em L4 se procede desde uma hipótese até um primeiro princípio anipotético (510B), isto é, para (uma definição de, e talvez mais adiante, uma proposição sobre) a forma do bem.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Platão. *A república*, 510b2-9.

<sup>8</sup> Gail Fine, *Plato on Knowledge and Forms. Selected Essays*. (New York: Oxford University Press, 2004), 105. Passagem traduzida por mim.

Desde o itinerário descritivo de Fine é possível identificar a necessidade da formulação de hipóteses e, a partir delas, se lançar à investigação. A própria capacidade de formular hipóteses está em jogo. É a persistência do *logos* dianoético que produz um ponto inicial para a pesquisa. Nesse sentido, a matemática, pensada nesse estrato da linha, é o fruto de um tipo específico de pensar, o pensar por imagens que não são sensíveis, mas inteligíveis. Ou ainda, a matemática é o meio pelo qual o pensamento reflexivo se distingue do sensível. Ela é uma espécie de caminho construído pelo pensamento e que conecta o sensível ao inteligível, sendo ela um inteligível utilizado para compreender o sensível, mas também o estruturando, se lembramos do *Timeu*. Para isso, esse intermediário se utiliza das figuras da geometria; contudo, as imagens geométricas não são suficientes para oferecer a verdade de si mesmas. É preciso ultrapassar o plano das figuras para chegar ao que não admite hipóteses.

Nesse caminho, concordo com Cattanei ao afirmar que “A superioridade das ciências matemáticas em relação ao conhecimento sensível é um tema constante na obra escrita de Platão”. Dela, no entanto, divirjo ao dizer que:

Somente por Aristóteles é que se vem a saber como se exprime essa superioridade no plano ontológico, e como são delineadas, por conseguinte, as relações entre entes matemáticos e coisas sensíveis. Parece realmente que o testemunho de Aristóteles ‘traz socorro’ ao *logos* escrito de Platão. E considerar o *logos* escrito de Platão uma estrutura aberta às ‘doutrinas não escritas’, relatadas pelo Estagirita, pode ser uma boa solução para entender, na extraordinária variedade de seus aspectos, tanto a teoria platônica dos entes matemáticos como o testemunho de Aristóteles sobre ela.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Elisabetta Cattanei, *Entes Matemáticos e Metafísica* (São Paulo: Edições Loyola, 2005), 353.

A própria exposição da linha adverte do lugar da matemática. Em termos de conhecimento, ela é o estágio posterior aquele dos dados sensíveis, uma vez que se serve como hipótese de explicação do que sejam eles; não é necessário recorrer a Aristóteles para verificar tal constatação no pensamento de Platão, pois ele mesmo se presta socorro, sabendo-se que o *Timeu* articula uma ontologia que reúne sensível e inteligível por meio da matemática e que a própria *República* nos fornece elementos para uma análise que permite evidenciar a utilização da matemática na construção ontológica do pensamento de Platão.

Na articulação dos estratos da linha, que é uma imagem retirada do domínio da matemática, é possível constatar a ação do pensamento quando se relaciona com os sensíveis – extraíndo dessa relação uma *doxa* – e a relação com os inteligíveis – extraíndo dessa relação um discurso verdadeiro que pode verter-se em *episteme*. A construção desse tipo de *logos* vem com a utilização da matemática. O caminho a ser investigado é traçado por meio de hipóteses, até se chegar ao princípio que não admite hipóteses. Esse princípio é a condição necessária para a formulação de qualquer hipótese. Partindo da hipótese e chegando ao anipotético, a alma encontra, enfim, o fundamento último<sup>10</sup> e paradigma primeiro<sup>11</sup> para toda sorte de imagens que se formam a partir dele. A expressão "fundamento último" é usada porque, na investigação realizada pela alma que objetiva conhecer o bem, as formas/ideias constituem o último grau ontológico de que é possível haver conhecimento; e a expressão "paradigma primeiro" porque o todo se ordena a partir de um modelo primeiro, o qual oferece unidade para que esse mesmo todo possa vir a ser e, assim, ser conhecido.

Há, nesse sentido, uma mudança de direção por parte da alma que investiga. Se em um primeiro momento é preciso, partindo das hipóteses, recorrer aos sensíveis, em um segundo momento é preciso, partindo das hipóteses, buscar o fundamento dos sensíveis, ultrapassando o plano da

---

<sup>10</sup> Para uma perspectiva epistemológica.

<sup>11</sup> Para uma perspectiva ontológica. Primeiro não é primeiro no tempo, mas é primeiro enquanto condição de necessidade lógica.

análise que descreve o sensível para se servir apenas do que é o seu próprio fundamento, o da alma e o dos sensíveis. Para melhor explicar a questão a seu interlocutor, Sócrates acrescenta:

- Logo, sabes também que se servem de figuras visíveis e estabelecem acerca delas o seu raciocínio (Οὐκοῦν καὶ ὅτι τοῖς ὁρωμένοις εἶδεσι προσχρῶνται καὶ τοὺς λόγους περὶ αὐτῶν ποιοῦνται), sem contudo pensarem nelas (οὐ περὶ τούτων διανοοῦμενοι), mas naquilo com que se parecem (ἀλλ' ἐκείνων πέρι οἷς ταῦτα ἔοικε); fazem os seus raciocínios por causa do quadrado em si ou da diagonal em si, mas não daquela cuja imagem traçaram, e do mesmo modo quanto às restantes figuras. Aquilo que eles modelam ou desenharam, de que existem as sombras e os reflexos na água, servem-se disso como se fossem imagens, procurando ver o que não pode avistar-se, senão pelo pensamento (ζητοῦντες δὲ αὐτὰ ἐκεῖνα ἰδεῖν ἃ οὐκ ἂν ἄλλως ἴδοι τις ἢ τῇ διανοίᾳ.).<sup>12</sup>

Sócrates recorre à matemática, tudo o que dela participa constitui a terceira parte da linha. Apesar de a matemática participar da organização do todo<sup>13</sup>, os geômetras, por sua vez, têm uma relação não dialética para com as figuras geométricas, visto que eles não perguntam pelo *o que é*, seja da diagonal, seja do quadrado, mas apenas formulam um discurso sobre as figuras — discurso que, ao não se encaminhar e perguntar pelo princípio, equipara-se ao que não tem clareza de definição, como uma sombra sem o objeto do qual é sombra.

Os geômetras realizariam a pesquisa a partir das e nas figuras geométricas ou, ainda, fixados em seu modo de ser sensível, no entanto o princípio a que se quer chegar não pode ser detectado na dimensão visível

---

<sup>12</sup> Platão. *A república*, 510d5-511a.

<sup>13</sup> Como se pode observar no *Timeu*.

do *kosmos*, mas apenas se acede a ele pelo e no pensamento. Em outras palavras, não é vendo um triângulo que se sabe *o que é* um triângulo; tal objetivo exige que se “veja” com os olhos da alma, considerando que o princípio da matemática, que é o mesmo princípio de tudo o que aparece — dado que se expressa, também, na ordem que harmoniza os sensíveis —, é anipotético; ao passo que a matemática ela mesma é constituída de hipóteses. Sócrates prossegue:

- Portanto, era isso que eu queria dizer com a classe do inteligível (Τοῦτο τοίνυν νοητὸν μὲν τὸ εἶδος ἔλεγον), que a alma é obrigada a servir-se de hipóteses ao procurar investigá-la, sem ir ao princípio, pois não pode elevar-se acima das hipótese (ὑποθέσσει δ'ἀναγκαζομένην ψυχὴν χρῆσθαι περὶ τὴν ζήτησιν αὐτοῦ, οὐκ ἐπ' ἀρχὴν ἰοῦσαν, ὥς οὐ δυναμένην τῶν ὑποθέσεων ἀνωτέρω ἐκβαίνειν), mas utilizando como imagens aos próprios originais dos quais eram feitas as imagens pelos objectos da secção anterior, pois esses também, em comparação com as sombras, eram considerados e apreciados como mais claros.<sup>14</sup>

Eis o gênero que procurávamos: o inteligível (νοητόν). A busca (ζήτησις) por essa dimensão do *kosmos* é realizada pela alma, uma realização necessária se se quer saber o que é o bem. O verbo ἀναγκάζω indica a atitude que a alma deve assumir nessa busca pelo inteligível. Ela é obrigada a isso, forçada pela natureza da questão posta. E, para fazê-lo, a alma começa por investigar, por meio de hipóteses, os visíveis. É preciso avançar por meio deles ao inteligível e estabelecer a conexão de uma dimensão com a outra, valorando e julgando a partir das diferenças que marcam o singular de uma imagem com relação à outra. Esse é o caminho que a alma deve percorrer; saindo e voltando a si mesma.

---

<sup>14</sup> Platão, *A república*, 511a3-8.

Por *hipótese*<sup>15</sup>, Sócrates não está entendendo uma coisa, mas a ação própria ou movimento realizado pelo pensamento no ato de perseguir o ser de algo. Essa operação de pensar por hipóteses ou, ainda, de elaborar questões, permite ao pensamento a condução ao entendimento do anipotético. Isso ocorre na medida em que Sócrates indica o ofício do pensamento filosófico:

- Apreende então o que quero dizer com o outro segmento do inteligível, daquele que o raciocínio atinge pelo poder da dialética (ὁ λόγος ἅπτεται τῇ τοῦ διαλέγεσθαι δυνάμει), fazendo das hipóteses não princípios, mas hipóteses de facto, uma espécie de degraus e de pontos de apoio, para ir até aquilo que não admite hipótese, que é o princípio de tudo, atingido o qual, desce, fixando-se em todas as consequências que daí decorrem, até chegar à conclusão, sem se servir em nada de qualquer dado sensível, mas passando das ideias umas às outras, e terminando em ideias (αἰσθητῶ παντάπασιν οὐδενὶ προσχρώμενος, ἀλλ' εἶδενιν αὐτοῖς δι' αὐτῶν εἰς αὐτά, καὶ τελευτᾷ εἰς εἶδη.).<sup>16</sup>

Com essa passagem, chegamos não só à última secção da linha — a secção do inteligível —, mas ao princípio anipotético, que só pode ser tocado (ἅπτεται) com a alma; não a alma em sua complexidade, pois o que alcança ou toca as ideias, que são o princípio anipotético, é uma das ‘partes’ da alma. O *logos* toca as ideias numa atitude de discernimento, de distinção do que seja ele mesmo, visto que é através (διὰ) do λόγος (λέγεσθαι) que a ideia

---

<sup>15</sup> O *Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie*, 6ª édition, s.v. “Vocabulário Filosófico”, nos oferece a seguinte definição para hipótese: “Essentiellement, ce qui est ou ce qu’on met à la base de quelque construction: ‘H τῶν νόμων ὑποθεσις, le principe des lois.’ (Platon, Lois, 743 C.) D’où, en particulier: A. En mathématiques, ce que l’on prend comme données d’un problème, ou comme énonciations d’où l’on part pour démontrer un théorème. Par exemple ‘Le côté AB est égal au côté AC par hypothèse.’ B. Proposition reçue, sans égard à la question de savoir si elle est vraie ou fausse, mais seulement à titre de principe tel qu’on en pourrait déduire un ensemble donné de propositions...”.

<sup>16</sup> Platão, *A república*, 511b3-c2.

‘aparece’. O infinitivo do verbo na voz média ainda admite ser traduzido como *dizer-se*. Podemos então pensar que dizer o que são as ideias é dizer o que é o *logos*. Não no sentido de serem a mesma coisa, porque não são, mas no sentido em que o *logos*, na ação em que visa encontrar as causas, tem por termo de sua pesquisa chegar às ideias. Assim, para saber o que é o *logos*, é necessário saber qual é a sua causa e *como* ela o é, nele, tendo em vista que o princípio anipotético — ἰδέαι — tanto é a causa do *logos* quanto de qualquer outra coisa que *seja* de algum modo. O que diferencia causa e causado são os modos de expressão do princípio naquilo que ele constitui.

É não apenas interessante notar que o modo como Platão descreve a relação da alma com a dimensão puramente inteligível das ideias ocorre a partir de imagens sensíveis, como ocorre com o ἅπτεται. Tocar algo é próprio de algo de um psiquismo encarnado. É sentir. Sensação que leva a sentir múltiplas unidades em conexão. Sem os sensíveis e a sensação não haveria conhecimento. O que nos leva a argumentar, com Marcelo Pimenta Marques, que não há *dois muntos*

## Considerações finais

Conceber o que é a dimensão ou aspecto inteligível do sensível, ou do *kosmos*, é conceber o que é para o *kosmos* seu princípio unificador, que, a despeito de seu caráter sempre mutante, permite-lhe aparecer e vir a ser apreendido e conhecido pela alma que deseja saber. O que Platão nomeia de *bem*, neste percurso que constitui o corpo de sua própria filosofia, é a tomada de posição em relação ao estabelecimento de um critério. O bem é concebido na condição de uma *Idea*, uma espécie de paradigma que norteia o devir, uma vez que lhe permite unidade suficiente para aparecer. Para, literalmente, desenhar o procedimento explicativo desta situação, Platão pensa na imagem de uma linha e concede-nos uma analogia entre o sol e o *bem*: *Ainda que não queiras ir mais longe, ao menos trata de novo da*

*analogia com o Sol, a ver se escapou alguma coisa.*<sup>17</sup> Ao tratar, novamente, da analogia, o filósofo mobiliza a linha dividida como procedimento explicativo. Mesmo não tendo mobilizado a questão do bem como central, poderíamos pensar que o *bem* é justamente o percurso inteligível, realizado pela alma desejanste de conhecimento, quando se coloca em busca. O *bem* também pode ser pensado como paradigma primeiro que orienta o emergir do *kosmos*, sendo em si e por si mesmo. Ao pensar que o nome da estratégia desenvolvida pela alma e que busca ao conhecimento é um *bem*, é possível pensar também que este *bem* estaria na alma que busca por conhecimento; se ele é paradigma primeiro para o emergir do *kosmos*, ele não apenas está naquele que busca, mas está em tudo, sustentando o todo.

A interpretação que se esboça neste pequeno texto tem como pano de fundo o pensamento de Marcelo Pimenta Marques, sua máxima de encontrar em Platão um pensador da *diferença*, de pensar a imagem como lugar de partida e de chegada para a alma que deseja conhecimento. Seu livro *Platão, pensador da diferença* pode ser tomado, na nossa interpretação brasileira do pensamento platônico, como uma possibilidade fértil de descolonização do platonismo e de nós mesmos. O texto é arejado e altamente contemporâneo na elaboração das questões que mobilizaram o pensamento grego antigo, por isso, mostra-nos outras possibilidades de traduzirmos Platão à nossa compreensão, bem como todo o conjunto de artigos e capítulos de livros publicados por Marcelo Pimenta Marques. É preciso dizer que parte de minha interpretação da obra de Marques está amparada também na vivência em sala de aula, nas orientações, no brinde à vida que não admite nota de rodapé.

## Referências

ANNAS, Julia. *An Introduction to Plato's Republic*. New York: Oxford University Press, 1981.

---

<sup>17</sup> Platão, *A república*, 509c5-7.



CATTANEI, Elisabetta. *Entes Matemáticos e Metafísica*. Tradução de Fernando S. Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

CHERNISS, Harold. F. “A economia filosófica da Teoria das Idéias”. Tradução de Irley Franco. *O que nos faz pensar*, v. 2, n. (02, jan. 1990):109-118.  
<<http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnfp/article/view/24>>

CORNFORD, Francis. M. *The Republic of Plato*. New York: Oxford University Press, 1973.

DIXSAUT, Monique. *Platão. República (livros VI e VII)*. Tradução de A. Maria da Rocha. Lisboa: Didáctica Editora, 2000.

FERGUSON, Adam. S. “Plato Simile of Light. Part 1. The Simile of the Sun and Line”. *The Classical Quarterly*, Vol. 15, n. 3/4 (Jul.-Oct. 1921): 131-152.  
DOI: <https://doi.org/10.1017/S000983880000604>

FINE, Gail. *Plato on Knowledge and Forms. Selected Essays*. New York: Oxford University Press, 2004. DOI:  
<https://doi.org/10.1093/oso/9780199245581.001.0001>

HOSLE, Vittorio. *Interpretar Platão*. Edições Loyola: São Paulo, 2008.

JAMES, Adam. *The Republic of Plato*, v. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

MARQUES, M. P. Aparecer e Imagem no livro VI da *República*. In: Perine, M. *Estudos Platônicos. Sobre o ser e o aparecer, o belo e o bem*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

MARQUES, M. P. *Contra a teoria de dois mundos na filosofia de Platão (República V 476e-478e)*. In: CONTE, J.; BAUSCHWITZ, O. (Org.). *O que é metafísica?* Natal: UFRN, 2011. p. 245-260.

MARQUES, M. P. *Platão, pensador da diferença. Uma leitura do Sofista*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MOORE, Holly. G. "Plato's analogical thought" PhD diss., *College of Liberal Arts & Social Sciences. DePaul University*, 2009.

PLATÃO. *A República*. Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

PLATÃO. *Teeteto-Crátilo*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2001.

PLATÃO. *Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas de Rodolfo Lopes. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.

PLATÃO. Complete works. COOPER, John M. (ed.). Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Co., 1997.

PLATÃO. *The Republic*. Trad. Paul Shorey. Vol I, II. Cambridge: Harvard University Press, 1934 (1930).

PROCLO. *Commento alla Repubblica di Platone*. A cura di Michele Abbate. Milano: Bompiani, 2004.

ROSS, David. *Plato's Theory of Ideas*. London: Oxford University Press, 1966 (1951).

Data de registro: 01/08/2023

Data de aceite: 18/10/2023